

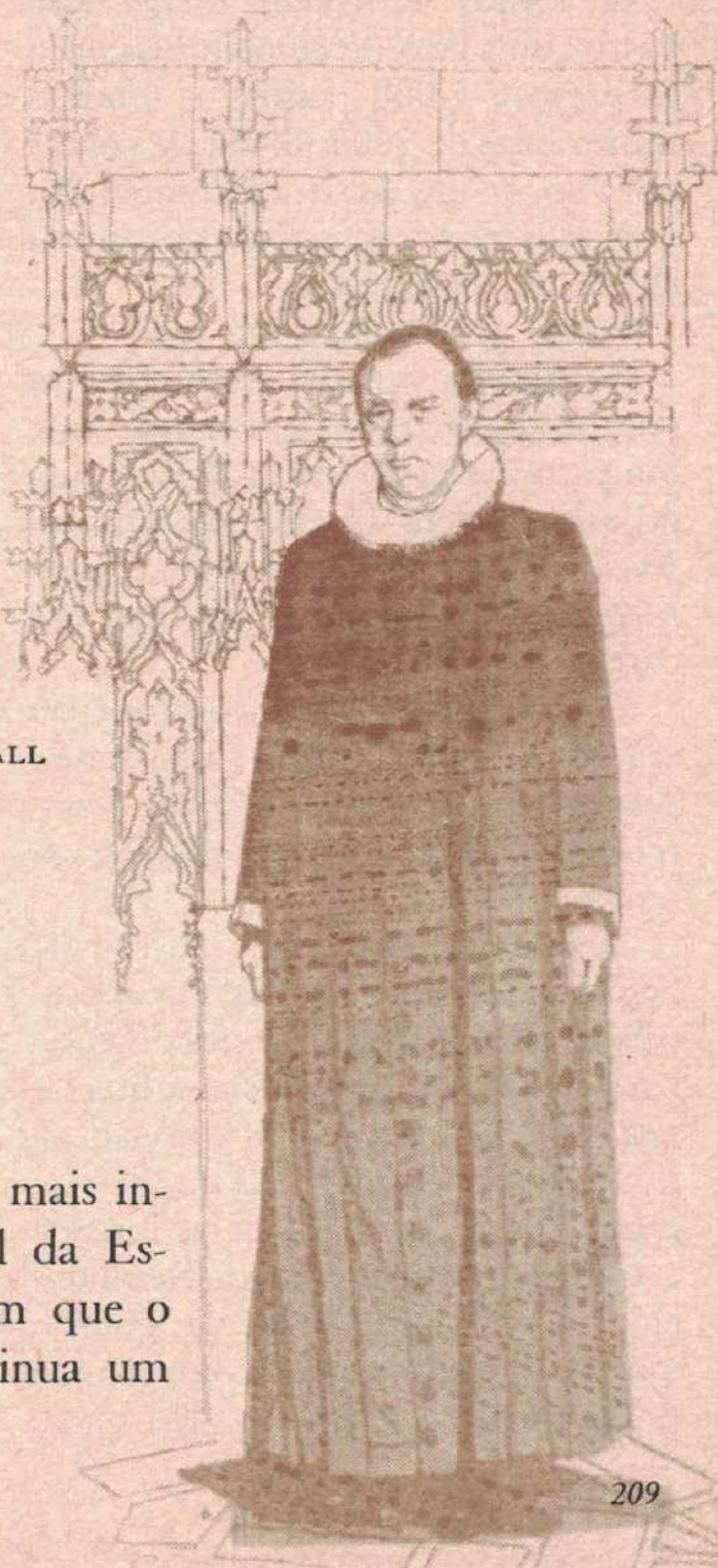
EILIF KROGAGER é um bem-humorado pastor dinamarquês de 56 anos, que prega nas igrejas das aldeias de Tjaereborg e Sneum. Sua paróquia, no oeste da Jutlândia, é pequena, e o salário do pastor mal chega para sustentar sua esposa e filha. Entretanto, por seu próprio esforço, o Pastor Krogager tornou-se multimilionário.

Esse pastor de aldeia, que desde 1950 é homem de negócio nas horas vagas, dirige agora uma agência de viagens que organiza excursões turísticas para mais de 160 000 pessoas por ano. É dono de uma frota de 70 ônibus-gigantes de luxo, que cruzam toda a Europa e vão até ao Oriente Médio; é dono da Sterling Airways, que transporta turistas à

O Pastor que Queria Viajar

OSCAR SCHISGALL

De um modesto sonho nasceu o mais incrível empreendimento comercial da Escandinávia. Entretanto, o homem que o iniciou e o dirige até hoje continua um simples pastor de aldeia



volta do mundo. Está construindo um enorme hotel perto de Taormina, na Sicília, e é sócio de mais uma dúzia de hotéis em diversos países para acomodar os turistas que êle serve. Para completar suas atividades comerciais, dirige um Centro de Treinamento de Pilotos e uma companhia de seguros de viagens, que está agora em fase de planejamento.

O Pastor Krogager dirige êsse vasto complexo de companhias, que empregam 1 000 pessoas e rendem muito mais de 200 milhões de coroas por ano, de um escritório minúsculo, que mais parece uma toca, na remota aldeia de Tjaereborg.

Como aconteceu tudo isso?

A primeira vez que eu lhe fiz essa pergunta, êle vinha de terminar uma longa conferência de negócios. Tinha no rosto sulcos fundos de cansaço. Mas, quando começou a falar, apareceram-lhe ruguinhas de riso nos cantos dos olhos.

—Tudo isto começou porque eu era tão pobre que não tinha meios para viajar—disse êle.—O que aconteceu depois foi apenas consequência normal.

Contou-me então que no fim da Segunda Guerra Mundial êle só possuía de seu um pequeno sítio. Tendo participado da resistência subterrânea da Dinamarca, fôra obrigado a fugir para a Suécia. Sua mulher foi capturada pelos nazistas e forçada a trabalhar lavando chão. Reunidos em Tjaereborg depois da guerra, marido e mulher aspiravam a uma mudança de cenário e a uma oportu-

nidade de respirar o ar do mundo exterior. Mas aonde ir sem dinheiro?

Um jovem professor primário, Svend Mathiesen, estava na mesma situação. Conversando com êle sobre o assunto, o pastor concebeu uma vaga esperança. Se êles organizassem uma viagem de ônibus para 25 ou 30 pessoas, por exemplo, a companhia de ônibus não os compensaria com uma viagem gratuita, indo êles talvez como guias ou fiscais de bagagens?

O pastor escreveu a uma linha de ônibus dinamarquesa. A proposta foi aceita com uma presteza espantosa. “Tão depressa que nós nem sabíamos bem o que fazer em seguida.” Êle e Mathiesen dividiram o custo de um pequeno anúncio nos jornais de Esbjerg, cidadezinha próxima, e de outras pequenas cidades. Com espanto ainda maior, receberam mais de 70 respostas, o suficiente para encher dois ônibus.

—Havia na Dinamarca muita gente que sentia a mesma coisa que nós—diz o pastor.—Gente que também se sentira aprisionada durante a guerra, e queria mudar de ares.

A viagem à Espanha foi um sucesso, e os Krogager e Svend tiveram suas passagens gratuitas. Quando voltaram, havia uma surpresa à sua espera: dezenas de pessoas indagavam quando se realizaria *outra* viagem!

Poderiam homens de bom senso deixar de perceber uma oportunidade assim? Começaram a cuidar da organização de novas viagens de

ônibus: dessa vez, em lugar de se remunerarem com uma viagem gratuita, arranjam maneira de receber comissões em dinheiro.

Svend Mathiesen teve de voltar para as suas aulas, mas o Pastor Krogager continuou organizando viagens. Mais anúncios resultaram em mais fregueses. Êle começou a projetar itinerários originais; para segui-los tinha de fretar ônibus. Afinal, um dia, em 1950, o pastor e sua mulher, Gorma, detiveram-se a calcular quanto estavam pagando às companhias de ônibus. Não seria mais inteligente trabalhar com ônibus próprios?

Krogager fêz a viagem de trem de seis horas até Copenhague e com as economias que possuía comprou os seus primeiros ônibus—os precursores da grande frota que possui atualmente—todos ostentando a inscrição “Tjaereborg” em grandes letras verdes. Agora, no inverno e no verão êles levam passageiros para a Espanha, a França, a Itália, a Áustria, a Alemanha Ocidental, a Iugoslávia, a Grécia, a Holanda, a União Soviética. Alguns penetram no Oriente Médio e na África. “Nas cidades que visitamos há gente que pensa que Tjaereborg é a principal cidade da Dinamarca”, disse-me um motorista.

Quem tem uma frota de ônibus precisa de garagens. Precisa também de oficinas de conservação e mecânica, e de acessórios. É necessário contratar empregados, depois construir escritórios para êles. Tudo isso fêz o pastor. Êle tem postos de

abastecimento situados não só na Dinamarca, mas também em cidades terminais distantes. “Acho que não fizemos vantagem com êsse tipo de expansão”, diz o pastor. “Fomos forçados a isso.”

O mesmo gênero de ampliação lógica se aplica à sua Sterling Airways. Quando êle percebeu que os clientes queriam visitar lugares como as Ilhas Canárias, o Egito e a Inglaterra, ou mesmo dar volta ao mundo, tomou providências para vôos por contratos de fretamento com as companhias de aviação existentes. Depois verificou que estava pagando às aerovias importâncias que lhe permitiriam comprar os seus próprios aviões.

Mais uma vez o Pastor Krogager foi a Copenhague. Consultou pessoas que entendiam de administração de emprêsas aéreas. A primeira foi logo dizendo: “Nem pense nisso.” Citou uma série de companhias particulares que tinham ido à falência na tentativa de tirar fregueses das grandes aerovias internacionais. Mas o Pastor Krogager viu uma falha nesse conselho.

—Outras pequenas aerovias se esbeleceram primeiro, para depois procurar fregueses—disse êle.—Eu já tenho os fregueses. Vou comprar os aviões para atender a uma necessidade que já existe.

O pastor pessoalmente nada entendia de aviões, mas convenceu amigos entendidos a ajudá-lo na compra de dois DC-6B e no contrato de tripulações experimentadas. Em outubro de 1962, o primeiro vôo

autorizado da Sterling Airways levou 93 turistas às Ilhas Canárias.

Dentro de um ano, as perspectivas cada vez maiores do negócio exigiram a compra de mais dois DC-6B. Por essa época, os passageiros faziam também perguntas sobre os últimos jatos. À vista disso, o Pastor Krogager entrou em negócio com a Sud-Aviation, em Toulouse, para a entrega do primeiro dos sete jatos Caravelle Super B. Em 1965, a Sterling Airways levou 350 000 passageiros a 112 cidades, em 46 países.

O Pastor Krogager passou então à próxima etapa do desenvolvimento "normal". No início tinha recorrido à Sud-Aviation para o treinamento de seus pilotos, mecânicos, tripulantes e aeromoças. Mas dentro de um ano criou seus postos de instrução na Dinamarca, dotando-os de todos os recursos modernos. O que colheu o pastor de surpresa foi o grande número de jovens que desejavam aprender a voar. "Se tínhamos os meios de ensiná-los, parecia insensato e antieconômico mandá-los embora." E assim o Pastor Krogager se tornou diretor de seu próprio Centro de Treinamento de Pilotos.

Mas a coisa não parou aí. De modo algum.

Quando se tornou um problema sério arranjar boas acomodações para os turistas de Tjaereborg, o Pastor Krogager uniu-se a uma associação italiana para construir um hotel em Limone, no Lago Garda. Daí resultaram entendimentos semelhantes com muitas outras estâncias, e uma

cadeia de hotéis. E agora êle está construindo um hotel próprio, perto de Taormina. Notando também que os passageiros dos ônibus de Tjaereborg e dos aviões da Sterling gastam importâncias consideráveis no seguro de suas bagagens, o Pastor Krogager está organizando uma companhia de seguros de bagagens.

O pastor parece ter realmente o dom de transformar em ouro tudo o que toca. Como alguns de seus empregados tinham de percorrer longas distâncias para ir trabalhar, partindo diariamente de aldeias esparsas, êle começou a construir modernas casas de tijolos vermelhos para acomodá-los em Tjaereborg. Outro subproduto, um catálogo apresentando os atrativos das diversas viagens, faz dinheiro com anúncios de firmas que vendem artigos de interesse para turistas.

Aonde levará tudo isto? Fiz essa pergunta repetidas vezes, e o pastor não me respondeu. Agora que 1 000 empregados dependem de seus empreendimentos, êle tem um profundo senso de responsabilidade pelo seu futuro. A empresa de Turismo Tjaereborg tem de continuar. Ao que tudo indica, está destinada a tornar-se maior do que nunca.

Isso todo o mundo percebe. A companhia telefônica da Jutlândia, por exemplo, teve de reformar os circuitos de Tjaereborg porque os antigos não davam mais para atender à sobrecarga de chamados—milhares por semana—que superam a capacidade do sistema telefônico local. Du-

rante os dois primeiros dias dedicados a reservas para o verão de 1966, houve mais de 3 000 telefonemas!

Resta saber se os compromissos do Pastor Krogager com os seus imensos empreendimentos industriais trouxeram algum prejuízo aos seus deveres religiosos. Não há melhor resposta do que a seguinte: O diretor da Turismo Tjaereborg tem agora meios de percorrer tôdas as estradas do mundo. Em igualdade de condições com todos os outros pastôres luteranos da Dinamarca, tem direito a um mês de férias todos os anos. Mas durante todo o tempo de sua abastança ainda não houve ano em que se ausentasse de sua cidade por mais de duas semanas. Ao cabo dessas duas semanas, invariavelmente volta, às pressas, para ocupar os seus púlpitos nas duas pequenas igrejas.

—A verdade é que gosto mais do trabalho de pastor do que de me estirar numa praia—confessa êle.

Se viajar barato contribui para alegrar o coração, êle tornou possível o prazer de muita gente. Na linha aérea do pastor, pode-se viajar da

remota Escandinávia ao distante Egito, para passar duas semanas no Cairo e em Luxor, com tôdas as despesas pagas, por 995 coroas, ou seja, aproximadamente, 320 cruzeiros novos. E quem disponha de quatro semanas pode dar a volta completa ao mundo—também com tôdas as despesas pagas—por cêrca de 7 700 coroas, ou seja, 2 460 cruzeiros novos. Assim, é fácil compreender a razão por que êle gerou tão grande volume de negócios.

Hoje o pastor poderia possuir com tôda facilidade uma casa luxuosa—ou melhor, várias casas—nas mais requintadas cidades do mundo. Entretanto, êle e a mulher preferem viver no modesto sítio de Tjaereborg, onde criaram a filha, Kirsten-Louise.

—Minha mulher e eu temos esperança de passar o resto de nossas vidas nesta casa—diz êle.—E eu espero passar o resto de minha vida servindo como pastor de Tjaereborg e Sneum. Por que havia eu de deixar que o dinheiro me roubasse do que mais gosto de fazer? Seria permitir que o dinheiro me derrotasse.



A RECEPÇÃO das bodas de ouro dos Besser estava terminando. Os convidados tinham partido, e a família estava descansando e ouvindo a velha Besser, ainda muito emocionada, descrever a sensação maravilhosa que aquêle dia lhe dera. Enquanto ela procurava as palavras adequadas, o velho Besser interrompeu-a:

—Ora, vamos, eu lhe prometi que, se você se casasse comigo, alguma coisa boa havia de acontecer.

—A. L.